



### O texto – Lc 4,1-13

- <sup>1</sup> Jesus, *cheio do Espírito Santo*, voltou do Jordão;  
Era conduzido pelo *Espírito* através do deserto,  
<sup>2</sup> durante quarenta dias, TENTADO pelo diabo.  
Nada comeu durante esses dias e, quando eles terminaram, teve fome.
- <sup>3</sup> Disse-lhe o diabo:  
«**SE ÉS FILHO DE DEUS**, diz a esta pedra que se transforme em pão».  
Jesus respondeu-lhe:  
<sup>4</sup> «*ESTÁ ESCRITO:*  
***Nem só de pão vive o homem***». (Dt 8,3)
- <sup>5</sup> Levando-o a um lugar alto, mostrou-lhe todos os reinos da terra  
<sup>6</sup> e disse-lhe o diabo:  
«Dar-te-ei todo este poder e a glória deles,  
porque me foi entregue e dou-o a quem eu quiser.  
<sup>7</sup> Se te prostrares diante de mim, tudo será teu».  
<sup>8</sup> Respondendo, Jesus disse-lhe:  
«*ESTÁ ESCRITO:*  
***Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele servirás***». (Dt 6,13)
- <sup>9</sup> Conduziu-o depois a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo  
e disse-lhe:  
<sup>10</sup> «**SE ÉS FILHO DE DEUS**, atira-te daqui abaixo,  
pois *ESTÁ ESCRITO:*  
*Aos seus anjos dará ordens a teu respeito,*  
*para que te guardem;*  
<sup>11</sup> e também:  
*Eles te tomarão nas suas mãos,*  
*com receio de que firas o teu pé nalguma pedra*». (Sl 90,11-12)  
<sup>12</sup> Respondendo, Jesus disse-lhe:  
*FOI DITO:*  
«***Não tentarás ao Senhor, teu Deus***». (Dt 6,16)
- <sup>13</sup> Tendo terminado toda a TENTAÇÃO,  
o diabo afastou-se dele, até ao tempo oportuno.

## Breve comentário

O texto deste Domingo é vulgarmente conhecido como «as tentações de Jesus», o que nos pode trazer alguma ambiguidade. Na linguagem corrente, ser tentado significa ser atraído para algo proibido, ser levado a cometer um pecado. Mas, na Bíblia e no nosso texto, a perspectiva é diferente. O verbo (*peirázein*) e o termo (*peirásmos*), usados no texto, não têm o sentido de *tentar* mas de *pôr à prova*, fazer um teste para verificar a fidelidade e o valor de alguém. Jesus é «tentado», não porque pode ser levado a cometer um mal, mas para manifestar o que de mais profundo existe nele, o que não significa que ele não tivesse de fazer escolhas fundamentais muito exigentes.

No evangelho de Lucas este texto prepara Jesus para a actividade que está para inaugurar, ou melhor, manifesta a sua serena superioridade sobre o adversário que encontrará no ministério. Jesus permanecerá permanentemente fiel à vontade de Deus; nenhuma ambição pessoal, sede de poder ou egocentrismo o afastará da sua missão; vive a sua realidade de Filho de Deus como homem autêntico, sem procurar fugir da condição humana comum a todos.

Os elementos comuns – tentação, deserto, 40 dias – sugerem um paralelo entre este texto e a prova de Israel no deserto, durante o Êxodo. As respostas de Jesus são citações que provêm do livro do Deuterónimo (8,3; 6,16.13), que considera a experiência de Israel no deserto como uma prova a superar, e que se referem a três acontecimentos característicos do Êxodo: murmuração do povo antes do milagre do maná, antes do milagre da água em Massa, e chamada de atenção de Moisés ao povo contra o perigo da idolatria.

Nas primeiras tradições cristãs a expressão «filho de Deus» tinha um acento messiânico: Jesus, vitorioso sobre Satanás, neste novo êxodo revelava-se como o messias esperado. Mas Lucas não se fixa na história passada de Israel, demonstrando-se menos sensível que Mateus em relação à experiência de Israel no deserto. Para ele, o novo êxodo é, em primeiro lugar, o drama pascal que se desenrolará em Jerusalém, ponto central de toda a sua obra (Evangelho e Actos). Por isso mesmo, ele inverte a ordem das tentações, apresentando Jesus em no templo, em Jerusalém, e não sobre um monte altíssimo, como vemos em Mateus.

A insistência de Lucas sobre o «diabo» tem a intenção de apresentar desde já o personagem que reentrará em cena no momento da paixão – o tempo oportuno – para entrar em Judas (22,3) e para inspirar os responsáveis do drama.

O *pão* já não se refere directamente ao maná do deserto, como em Mateus, que fala de *pães* no plural. Mais que a imagem dos dons de Deus e do dom por excelência que alimenta o povo – a Lei – aqui o pão aparece simplesmente como o símbolo da vida, aquela vida que somos sempre tentados a compreender não como um dom, mas como algo de que queremos ser senhores. Também Jesus, ao longo da sua vida e não só desta vez, foi tentado a servir-se do seu poder divino, como Filho de Deus, para resolver as suas dificuldades e problemas comuns a todos os homens. Agindo desta maneira, Jesus afastar-se-ia da sua condição humana, deixando de ser solidário com os outros. Neste sentido se compreende a tentação do malfeitor sobre a cruz: «Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!» (23,29).

O *poder-autoridade* tem um significado, enquanto em Mateus indica sobretudo a autoridade. Nos Actos dos Apóstolos fala-se claramente do «poder de Satanás» (Act 26,18). A grande tentação está entre o dominar e o servir. Também Jesus é naturalmente tentado a dominar os que o rodeiam, servindo-se do seu estatuto de mestre e Filho de Deus. A opção dele foi a do serviço: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (22,29). No Calvário os soldados desafiarão Jesus: «Se tu és o *rei* dos judeus, salva-te a ti mesmo!» (23,27). Jesus recusa esta concepção de poder; já no momento da sua prisão ele tinha dito: «Esta é a vossa hora e o poder das trevas!» (22,53).

A tentação do *templo*, em Jerusalém, não é em primeiro lugar a de se apropriar dos dons de Deus, de colocar o poder de Deus ao serviço dos seus projectos particulares, mas de fugir ao seu destino, de evitar a prova. É a tentação fácil para quem procura viver uma relação íntima com Deus, exigindo de Deus uma prova do seu amor e uma protecção especial. «Salvou outros! Salve-se a si mesmo, de ele é o Cristo de Deus, o Eleito!», irão ironizar os chefes do povo, propondo ao crucificado que assumisse um destino fora do comum. Jesus quer viver a sua confiança filial em Deus na obediência quotidiana, como um homem que não espera privilégios especiais nem intervenções extraordinárias mas aceita pacientemente o seu destino até ao fim e nele reconhece a proximidade divina; e isto não como uma resignação mas no pleno uso da liberdade pessoal.